

LINGUAGEM E FICÇÃO: UM ENSAIO SOBRE MICHEL FOUCAULT

*Antonio Basílio Novaes Thomaz de Menezes **

RESUMO

A ficção como tema deste ensaio compreende as fronteiras estabelecidas entre filosofia e literatura no horizonte comum da experimentação do pensamento enquanto tal. A abordagem deste tema traduz os desdobramentos de uma hipótese levantada por Raymond Bellour em torno de um aspecto da construção do pensamento de Foucault. Isto é, a ficção enquanto uma forma legítima de pensamento, a qual se constitui no plano da experiência das palavras e do vazio da linguagem e aqui se revela como esboço de uma experimentação histórica. Notória é a declaração de Foucault de que ele não faz “outra coisa senão ficções”.

PALAVRAS-CHAVES: Foucault; obra; linguagem; ficção.

ABSTRACT

Fiction as the theme of this article comprehends the borders established between philosophy and literature in the common horizon of experimentation of thought as such. The approach of this theme translates the unfolding of a hypothesis done by Raymond Bellour around an aspect

* Professor de Filosofia da *Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN*.

of Foucault's construction of thought. That is, fiction as a legitimate form of thought, which we constitute in the plan of the experience of words and of the emptiness of the language and here reveals as a sketch of a historical experimentation. Notorious is Foucault's declaration that he does not do "anything else but fictions".

KEY-WORDS: Foucault; work; language; fiction.

Maurice Blanchot, numa obra com o sugestivo título de *Faux pas*, assinala o estatuto da ficção no texto sobre Mallarmé e a arte do romance com estas palavras:

A linguagem é o que funda a realidade humana e o universo [...] O erro é crer que a linguagem seja um instrumento o qual o homem dispõe para agir e para se manifestar no mundo; a linguagem na realidade dispõe o homem naquilo que lhe garante a existência do mundo e sua existência no mundo (1943, p. 191).

Assim a ficção como tema deste ensaio, desliza sobre a superfície da linguagem que se estende para além das fronteiras estabelecidas entre filosofia e literatura, suscitando o horizonte indistinto do pensamento tomado enquanto tal. A ficção traz o ensaio à forma de construção de uma hipótese, ou seja, do ensaio propriamente dito que apresenta o caráter comum da experimentação nos planos do pensamento e da linguagem, ou ainda, da hipótese como a articulação entre as condições de configuração de um sistema significativo e a capacidade de expressão, construção e destruição da significação na forma das palavras. Além de tema, a ficção materializa-se no conteúdo deste ensaio na medida em que, enquanto idéia condutora, ela mesma é uma forma de pensamento, o qual se constitui no plano da experiência das palavras e do vazio da linguagem e aqui se revela como esboço de uma experimentação.

Ficção enquanto forma de pensamento, eis então a hipótese deste ensaio que conduzirá a investigação acerca do enigma da ficção em Michel Foucault e a retomada da sua “letra” sob a perspectiva da própria escrita; daquilo que lhe é iminente enquanto estruturação e se revela como postura do autor frente à sua obra.

Em diferentes momentos, em seus muitos ditos e escritos, Foucault tratou ou fez menção à noção de ficção sem contudo deixar claro o sentido que empregou diversas vezes para se referir ao seu próprio trabalho. Notória é a sua declaração:

[...] as pessoas que me lêem, em particular aquelas que apreciam o que eu faço, me dizem sempre rindo: “No fundo você sabe bem que o que você diz não é senão ficção”. Eu respondo sempre: “Claro, não há problema que isto seja outra coisa senão ficções” (Foucault, 1994, IV, p. 44).

O enigma do que significa dizer ou do que Foucault entende por ficção deixa em aberto o vazio de significado que não permite à interpretação senão a forma de uma hipótese; uma dentre as várias possibilidades de experimentação. Esta última, a de tentar decifrar os indícios de uma configuração do pensamento que atravessa toda urdidura dos textos na inextrincável enlace da linguagem com as tramas do pensar.

Assim, Foucault aparece sob uma dimensão constitutiva que a sobrepõe aos seus próprios textos, superpondo o quadro histórico e a trajetória intelectual àquilo que viceja como o horizonte dos seus escritos, mas que não se coloca senão como hipótese na medida em que não há mais autor. Já que a figura de um sujeito-substância “ao qual se pode atribuir aquilo que foi dito ou escrito [...] é o resultado de apurações críticas complexas e raramente justificadas” (Foucault, 1994, I, p. 789-790).

Deste modo, a ficção não é descrita senão pelo seu próprio espectro que, disperso, recusa a forma sistemática

do exame dos diferentes momentos em que ela aparece. E, por outro lado, difuso, privilegia a recorrência à indícios e fragmentos que expressam o caráter inconcluso deste ensaio. Isto é, a articulação de uma hipótese que coloca a sua própria experimentação enquanto algo que se produz a partir das indicações de Raymond Bellour (1989) e revela o risco de ser apenas uma ficção no sentido ordinário.

I

A noção de ficção aparece marcadamente nos anos sessenta com o uso da palavra nos textos em que Foucault volta-se para literatura como um foco de interesse. Campo propício para todo um desenvolvimento posterior em torno da linguagem, é nesta década que se encontra o maior número de referências à noção e aquilo que se acredita ser: “a maior intervenção sobre a palavra ficção como tal” (Bellour, 1989, p.173) em paralelo a configuração do método arqueológico.

Entre o final dos anos sessenta e início dos setenta – período imediatamente anterior à *L'archéologie du savoir* (1969) e posterior à *L'ordre du discours* (1971), onde também se localiza a importante *Qu'est-ce qu'un auteur?* (1969) – a noção de ficção vai se dissolvendo pouco a pouco nos textos, apagando os seus indícios iniciais até reaparecer em entrevistas como uma enigmática referência de Foucault ao seu próprio trabalho². De tal modo que, o caráter enigmático que cerca a noção se estabelece em termos da impossibilidade de uma definição explícita e do que pode sugerir as suas formas de recorrência em diferentes períodos e contextos, como também em certo “estado de latência”

que aponta para um plano estrutural. Assinalava Foucault em 1963 a propósito dos romancistas do *Tel Quel*:

Atravessando obliquamente a incerteza da sombra e da vigília, da loucura e do desejo, a ficção não designa ela uma série de experiências as quais o surrealismo já havia emprestado sua linguagem? [...] o surrealismo engajado estas experiências na busca de uma realidade que os tornasse possíveis e lhes desse sobre toda linguagem (jogando sobre ela, ou com ela, ou apesar dela) um poder imperioso. Mas estas experiências, ao contrário, poderiam ser mantidas lá onde elas estão, na sua superfície sem profundidade, neste volume incerto de onde elas nos vem, vibrando em torno do seu núcleo inassinalável, sobre seu sol que é uma ausência de sol ? (Foucault, 1994, I, p. 279).

A importância da ficção aparece quando a simples noção desloca-se sobre o eixo de problematização da linguagem para a dimensão estrutural do quadro de referências sob o aspecto da compreensão dos métodos e das pesquisas no seu próprio desenvolvimento. Bastante conhecido é o problema de uma certa “ilusão retrospectiva” que Foucault parece criar intencionalmente com a constante reformulação do conjunto das suas pesquisas sob a ótica do sentido ou da unidade que marcam as passagens dos diferentes momentos do seu pensamento conforme aparece na sua introdução da *Histoire de la sexualité II* (1984).

Com isto, a passagem da simples noção ao problema da ficção como referência abre à hipótese da forma de pensamento as portas da questão da filosofia nos limites do seu próprio quadro histórico. Isto é, a constituição da *épistémé* moderna como a delimitação de um lugar de fala,

e a fala de Foucault como a posição que este se coloca frente ao fazer filosófico, a partir de uma perspectiva de “diagnóstico do presente” (Foucault, 1994, I, p. 606). É nesta medida que se estabelece a investigação do problema da ficção em Foucault dentro do quadro de problematização da modernidade, situado na dimensão da linguagem ou do que significa a palavra no contexto em que ela se apresenta.

O problema da ficção faz Foucault voltar sobre si mesmo o aspecto da significação da palavra que atravessa o quadro de determinações do seu próprio uso. Um desdobramento da “dobra” que desde cedo assinala a pequena fimbria estendida entre o horizonte da literatura e o infinito da linguagem:

Esta palavra ficção, várias vezes conduzida, depois abandonada, é preciso retornar enfim. Não sem um pouco de medo. Porque ela soa como um termo de psicologia (imaginação, fantasma, delírio, invenção, etc.). Porque ela tem o ser de pertencer à uma das duas dinastias do Real e do Irreal. Porque ela parece reconduzir – e isto seria tão simples a partir da literatura do objeto – às flexões da linguagem subjetiva. Porque ela oferece tanto o aprimoramento quanto a fuga (Foucault, 1994, I, p. 279).

A possibilidade da palavra aponta à impossibilidade da expressão constitutiva da linguagem o limite do murmúrio sem sujeito que delimita o campo do significado na literatura como no emprego da noção. O enigma da ficção indica Raymond Bellour em *Vers la fiction*, é apresentado na forma híbrida de um endereçamento indireto da questão à filosofia naquilo em que ela se refere aos historiadores enquanto um “fazer consistir, a falta de poder desenvolvê-lo como ela

deve(ria) o ser” que também pode ser aplicado ao próprio Foucault. De tal modo que, mesmo o emprego diverso da palavra descreve as variações de um “movimento o qual mostra uma real evolução ao mesmo tempo que uma fidelidade obstinada a si mesma” (Bellour, 1989, p. 172).

Ao que possa parecer estranho a idéia de evolução como a simples produção do movimento em Foucault pode-se aqui acrescentar-lhe os aspectos de continuidade e descontinuidade inerentes tanto ao movimento quanto à produção do movimento. Testemunha a esse respeito Blanchot:

A partir do seu primeiro livro, Foucault trata de problemas que desde sempre pertenceram à filosofia (razão e desrazão), mas trata-os na perspectiva da história e da sociologia, privilegiando, ao mesmo tempo, na história uma certa descontinuidade (um pequeno acontecimento faz grande diferença) sem fazer dessa descontinuidade uma ruptura (Blanchot, s/d, p. 19).

Para Bellour (1989) a hipótese da ficção como forma do pensamento se estrutura então nesse plano do movimento, de uma interseção das ordens interna e externa na dimensão da linguagem que assimila o endereço da questão à filosofia sob os aspectos da continuidade e da descontinuidade. Destaca-se na ficção características como a “dobra”, o “fazer consistir” enquanto forma indireta e presença ausente, e também uma “condição de desenvolvimento” característica, tanto no quadro das determinações da pesquisa e dos métodos como nos eixos priorizados. Assim, a hipótese constrói um quadro de interpolação entre o “fazer consistir” como um índice relacionado à dimensão estrutural da linguagem, de um lado ;



e a “condição de desenvolvimento” enquanto um índice relacionado à configuração histórica do pensamento na modernidade, de outro; ambos entrecruzados a partir da construção dos recortes e das formas de problematização.

Ao assimilar estas condições acerca da referência e da não referência à ficção, a hipótese estende daquelas os fios da sua urdidura assim como marca a sua diferença. Bellour articula os momentos distintos na trajetória de Foucault, a partir de um quadro descritivo do uso da palavra que tem por núcleo central a pergunta pela “função-autor” (Foucault, 1994, I, p. 799). Com suas palavras: “Qual seria, assim, a função-autor daquele que compondo, historia, filosofa, constrói ficções?”. Uma pergunta voltada para a possibilidade de Foucault ser ele mesmo um “fundador da discursividade” (Bellour, 1989, p. 179) assim como Freud e Marx, característicos do nosso tempo. Onde, tentar situar o *enjeu* da palavra ficção consiste na tarefa de Bellour que o aproxima e distancia da hipótese da ficção como forma de pensamento, na mesma medida que aquela é condição propedêutica desta última. E o *enjeu* da palavra permite pensar a sua própria possibilidade no plano da sua utilização como noção relacionada à forma da experimentação da linguagem.

Situar a questão da ficção em Foucault dentro dos limites da discussão da linguagem na modernidade constitui então o objeto da hipótese, estabelecida a partir das indicações de Bellour, colocadas sob a perspectiva de uma dupla “dobra”. Deste modo, a configuração de uma trajetória que se dobra por e sobre si mesma é simultânea à conjugação das suas formulações voltadas sobre o quadro histórico, as quais aparecem ao longo das mudanças de eixo na produção

do autor, revelando a *démarche* do pensamento no nível crítico dos enunciados. Os momentos, a forma de referência ou a não-referência à ficção, assinalada sob a perspectiva de um autor “fundador de discursividade”, possibilita à hipótese um entrecruzamento dos índices estrutural e histórico capaz de descrever a “dobra” foucaultiana produzida na dimensão da linguagem em torno do uso da palavra ficção.

Destacando basicamente dois momentos ; embora faça ainda uma distinção interna que situa *Raymond Roussel* (1963) entre *Histoire de la folie à l'âge classique* (1961) e *Naissance de la Clinique* (1963), de um lado e *Les mots et les choses* (1966), de outro; Bellour articula um quadro de referências no qual a explicitação da ficção como tal circunscrita ao entusiasmo pela literatura concomitante a elaboração do método em Foucault, dá lugar as transformações que levam a noção à desaparecer dos textos e simultaneamente tornar-se a “matéria viva” dos seus livros a partir da *L'archéologie du savoir* (1969) Nas suas próprias palavras:

Eles são assim simultaneamente mais e mais sensíveis, mais e mais abstratos, mais e mais fictícios, mesmo se sua ficção seja a mais verdadeira, isto é, a mais real e a mais eficaz que seja. O que mostra exemplarmente *Surveiller et punir* (Bellour, 1989, p. 176).

À luz da hipótese, o enigma da ficção em Foucault elucida-se sob a perspectiva de um quadro crítico, estabelecido a partir da análise e da descrição da linguagem na modernidade, no momento em que esta se projeta sobre si mesma, voltada para as condições do pensamento ou do que é dado pensar tal como podemos pensar dentro do

âmbito de constituição da linguagem. Assim, o que escapa à formulação de Bellour, a dimensão crucial da reflexão sobre a linguagem no período entre 1960 e 1967 – onde se esboça a noção de ficção e o seu subsequente abandono com o deslocamento do eixo teórico a partir de *L'ordre du discours* (1971) – constitui o núcleo central de articulação da hipótese a partir da sua própria condição de possibilidade. Noutras palavras, Bellour apenas apresenta a configuração da linguagem como um plano imanente da reflexão, o qual atravessa os seus diferentes momentos e eixos teóricos e aponta para a compreensão da ficção.

II

Hipostosiada à própria condição de possibilidade de configuração da linguagem enquanto um plano imanente de reflexão, a hipótese da ficção como forma de pensamento permite-nos vislumbrar aqui o seu estatuto, a partir do quadro crítico de análise que revela a “dobra” foucaultiana dos limites da linguagem e a dimensão histórica do pensamento e da ficção como uma forma de “contradiscurso”. *Les mots et les choses*; livro que “nasceu de um texto de Borges” (Foucault, 1966, p. 7), não é senão o momento crucial da discussão da linguagem em Foucault que o conduz aos seus próprios limites, tanto no horizonte descritivo que lhe revela a modernidade como lugar de fala, quanto nas dimensões epistêmica das condições do pensamento relacionados à linguagem.

O que nos é dado pensar, tal como podemos pensar a partir da dimensão da linguagem; eis então aquilo que se reporta o quadro crítico da análise em *Les mots et les choses*

e circunscreve a “dobra” foucaultiana dentro do estatuto da ficção. Tal obra descreve um quadro de deslocamentos que operados desde o século XVI caracterizam diferentes ordens epistêmicas da linguagem.

Deslocamentos articulados em torno do ser da linguagem e do seu funcionamento significativo delineiam o quadro de surgimento da literatura no qual o estatuto da ficção se coloca à sombra deste fenômeno moderno. Foucault desenha, a partir da relação das palavras com as coisas, a variação de uma linguagem que se situa no “interstício entre o texto primeiro e o infinito da interpretação” como uma verdadeira “prosa do mundo”, no século XVI, para uma “linguagem tornada objeto”, no século XIX cuja organização autônoma atinge o próprio ser da linguagem ao romper com “a passagem ontológica que o verbo ser assegurava entre falar e pensar” (Foucault, 1966, p. 56, p. 308) na aquisição de um ser próprio.

À “prosa do mundo” se refere um mundo coberto de signos a serem decifrados, eles próprios formas de similitude que revelam semelhanças e afinidades. Interpretar é conhecer a natureza como “o jogo do signo e da semelhança”, ou seja, “ir da marca visível ao que se diz através dela”, dar voz ao que permanecerá “palavra muda, adormecida nas coisas” (Foucault, 1966, p. 46-47) na medida em que os signos atuam sobre as marcas operando simultaneamente sobre o que é certamente indicado por elas:

A linguagem no século XVI não é um sistema arbitrário no qual o mundo espelhado seria capaz de enunciar a cada coisa sua verdade singular, ao contrário, a linguagem está depositada nele e faz parte dele porque simultaneamente

o enigma das próprias coisas constituem uma linguagem e as palavras se colocam como coisas a decifrar. A meio caminho das “figuras visíveis da natureza” e das “convivências secretas dos discursos estéticos”, a linguagem como uma coisa da natureza (parte da grande distribuição das similitudes e assinalações) é ela mesma “um segredo que traz em si, mas na superfície, as marcas decifráveis daquilo que quer dizer” (Foucault, 1966, p. 50).

Assim, a linguagem se constitui como o seu próprio enigma, como algo opaco, fragmentado, fechado sobre si mesma que aqui e ali se mistura com as figuras do mundo e se imbrica com eles. De tal modo que Foucault descreve os deslocamentos na ordem da linguagem a partir da disposição dos signos tais como se colocam aos séculos XVII e XVIII, e finalmente, no século XIX constituem a literatura como um fenômeno moderno.

A mudança da disposição ternária, característica do século XVI, para a disposição binária, a partir do século XVII, descreve no sistema dos signos o movimento em que a linguagem deixa de existir como escrita material das coisas cujas figuras oscilam entre um e três termos e passa a fixá-las numa forma estável no qual a linguagem desenha o esboço binário “no regime geral dos signos representativos”. A pergunta sobre o reconhecimento do signo na designação daquilo que realmente ele significava, dá lugar, no século XVII, a pergunta sobre a ligação do signo àquilo que ele significava. Palavras e coisas então se encontram separadas ao mesmo tempo que o discurso têm a “tarefa de dizer o que é, mas não será mais nada do que diz” (Foucault, 1966, p. 58). A própria existência da linguagem formalizada nos séculos XVII e XVIII perde a solidez daquilo que é inscrito no mundo.

Dissolvida no funcionamento da representação, reduzida à validade do discurso, a linguagem se restringe ao “fazer signo” ou simultaneamente significar algo e dispor signos em torno desse algo. Deste modo, rompida a passagem ontológica da linguagem com os liames do juízo de atribuição e afirmação, ela adquire uma autonomia, a partir do século XIX, um ser próprio que detém as leis que o regem” (Foucault, 1966, p. 308).

À literatura se configura então o quadro do século XIX de uma “linguagem tornada objeto” (Foucault, 1966, p. 309) que adquire espessura, história e leis em torno de uma objetividade própria, cuja análise se encontra enraizada no nível daquela concernente ao conhecimento empírico. O nivelamento da linguagem ao estatuto do objeto impõe uma ordem de compensações que, frente à perda da dimensão ontológica, apresentam diferentes modos compensatórios – mediação científica e valor crítico – dentre as quais a literatura se constitui como o mais importante.

A literatura irrompe como uma forma autônoma dentro do recente quadro de isolamento na nossa cultura de “uma linguagem singular, cuja modalidade própria é ser literária”. Surge enquanto uma forma de difícil acesso, endereçada à si mesma, debruçada sobre o movimento enigmático que a faz nascer. “Figura gêmea” da filologia a literatura é a sua contestação voltada para o puro ato de escrever na medida em que retorna a linguagem o poder de falar lá onde encontra-se “o ser selvagem e imperiosos das palavras”. Deste modo, ela se constitui como um “contradiscurso” na idade moderna ao remontar à “função representativa ou significante da linguagem daquele ser bruto esquecido desde o século XVI” (Foucault, 1966, p. 313; p. 59).

Assim, através de *Les mots et les choses* revela-se um estatuto de ficção que se refere diretamente ao estatuto da linguagem na literatura do mesmo modo que a própria ficção enquanto forma literária. Tal como pode ser encontrada em textos anteriores a esse respeito:

O fictício seria pois aquilo que nomeia as coisas, as faz falar e dar na linguagem seu ser já compartilhado pelo poder soberano das palavras [...] Não dizer então que a ficção é a linguagem: a conversão seria demasiadamente simples ainda que ela seja familiar em nossos dias (Foucault, 1994, I, p. 280).

Trata-se para Foucault de um pertencimento complexo, o simultâneo apoio e contestação, que pode guardar à palavra a experiência do ato desprendido de escrever e resgatar o que estava empenhado. Pois, é no espaço exíguo de um afastamento próprio à linguagem que o fictício reside sob o princípio da distância enquanto algo que lhe oferece um entrecruzamento de linhas como os primeiros traços de um possível esboço: “a nervura verbal daquilo que não existe, tal que é” (Foucault, 1994, I, p. 280).

A ficção habita a relação da linguagem com as coisas ainda que sua existência não dependa dela. Deste modo, assinala Foucault:

Não há ficção porque a linguagem está distante das coisas; mas a linguagem é sua distância, a luz onde elas são e sua inacessibilidade, o simulacro onde se dá apenas sua presença; e toda linguagem que, ao invés de esquecer esta distância, se mantém nela e a mantém nela, toda linguagem que fale desta distância avançando nela é uma

linguagem de ficção. Ela pode então atravessar toda prosa e toda poesia, indiferentemente (Foucault, 1994, I, p. 280-281).

Ao que constitui uma “linguagem de ficção”, Foucault se coloca ao lado de Blanchot na dimensão do “fora” que caracteriza uma “conversão simétrica” do poder de produção e brilho das imagens na potência contrária que os desenlaça da sobrecarga e dá lugar nelas mesmas à uma transparência interior que as ilumina e faz rebentar na leveza do imaginável. Antes de imagens as ficções são o interstício das imagens, figuras exatas desenhadas no dia-dia cotidiano e anônimo cujo maravilhamento não está nelas mesmas mas no contorno vazio onde estão sem raiz nem apoio. O fictício está na impossibilidade da verossimilhança, daquilo que se coloca entre homens e coisas, sem encontrar-se neles, isto é, a proximidade do mais distante, a absoluta dissimulação onde somos.

Nas palavras de Foucault:

A ficção consiste então não em fazer ver o invisível, mas fazer ver quanto é invisível a invisibilidade do visível. Onde sua profunda semelhança com o espaço que, assim entendido, é para a ficção o que o negativo é para a reflexão (Foucault, 1994, I, p. 524)

Assim, o “fora” é compreendido como aquilo que resulta do entrecruzamento da paciência reflexiva voltada para fora de si mesma com a ficção despida de suas formas no vazio. Isto é, um discurso que “constitui o seu próprio espaço como o fora em direção ao qual, fora do qual ele fala”. De tal modo que, enquanto palavra “de fora” ele é a “repetição daquilo que de fora não parou de murmurar” (Foucault, 1994, I, p. 525) e como palavra “de fora” é um

avanço em direção daquilo que diz cuja luz a linguagem jamais recebeu.

Sob este aspecto então não é sem uma certa ironia que pode-se entender o sentido da declaração de Foucault ao dar à *Les mots et les choses* o estatuto de uma pura e simples ficção como também compará-la à um romance, na medida em que “é a relação da nossa época e da sua configuração epistemológica à toda esta massa de enunciados [...] o se anônimo que fala hoje em tudo que se diz” (Foucault, 1994, I, p. 591). Do lugar da fala ao que é dito, eis a dobra das suas palavras àquilo que diz.

Foucault tem à sua frente o quadro de uma modernidade onde as palavras reencontraram sua enigmática espessura a partir da autonomia que as revelou de um modo disperso, seja como “objetos constituídos e depositados pela história”, seja como “formas universalmente válidas” ou ainda como um “texto a ser fraturado” (Foucault, 1966, p.315) para que lhe possa emergir um sentido oculto. A linguagem não designa mais nada senão a si própria no puro ato de escrever que assinala-lhe a dimensão da experiência. Algo que se materializa através do livro e revela-o nos termos de uma verdade ainda que enquanto simples experiência não seja verdadeira nem falsa mas apenas a possibilidade que o livro lhe permite: “uma ficção [...] algo que se fabrica a si mesmo que não existe antes e se achará existir depois” (Foucault, 1994, IV, p. 45).

Eu não sou verdadeiramente um historiador. E eu não sou um romancista. Eu pratico uma espécie de ficção histórica. De um certo modo, eu sei muito bem que o que eu digo não é verdade [...] Eu tento provocar uma

interferência em nossa realidade e o que nós sabemos de nossa história passada (Foucault, 1994, IV, p. 40).

III

Por fim, a ficção como tal retoma a reflexão da linguagem na modernidade, a partir da perspectiva radical do paradoxo, daquilo que se caracteriza na esteira de Nietzsche e Mallarmé e que em Foucault se efetiva como a força de um “contradiscurso”. À pergunta inultrapassável de Nietzsche (Quem fala?) é a resposta anônima de Mallarmé (A própria palavra) Foucault interpõe a ficção como a ordem do estabelecido, o plano de um “contradiscurso” onde a fina espessura da linguagem enlaça a insuperável pergunta e a superfície da trama anônima da palavra. O “contradiscurso” é o próprio paradoxo da linguagem enquanto paradoxo, a desvio da “linguagem tornada objeto” enquanto o seu próprio desvio, a não referência enquanto quadro referencial da sua própria referência, em última análise, a ficção que enuncia e é enunciada em Foucault. De tal modo que, do autor à obra, a ficção em Foucault anuncia o paradoxo do escritor descrito por Blanchot:

O escritor não é livre para ser apenas sem exprimir o que ele o é. Mesmo alcançando-lhe a sorte que marca de vaidade tudo aquilo que toca o ato de escrever, ele permanece preso aos arranjos das palavras; e é mesmo no uso da expressão que coincide o melhor e o nada que ele se tornou. Aquilo que nele faz com que a linguagem seja destruída faz também com que ele deva se servir da linguagem (Blanchot, 1943, p. 10).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BELLOUR, Raymond. *“Vers la fiction”*. In: **Michel Foucault Philosophe**. Rencontre Internationale Paris 9,10,11 janvier 1988. Editions du Seuil, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits**. 1954-1988. Édition établie direction de Daniel Defert et François Ewald. 4 v. Paris: Gallimard, 1994.

_____ **Les Mot et les Choses**. Une Archeologie des Sciences Humaines. Paris: Gallimard, 1966.

_____ **L’Ordre du Discours**. Paris: Gallimard, 1971.

BLANCHOT, Maurice. **Faux pas**. Paris: Gallimard, 1943. (Renouvelé en 1971).

BLANCHOT, Maurice. **Foucault como o imagino**. Lisboa: Relógio d’Agua Editores; s/d.